



**ANÁLISE DAS DESIGUALDADES SOCIAIS  
NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM  
RIO DE JANEIRO (RJ)**

**Monitoramento dos indicadores na  
Plataforma dos Centros Urbanos 2017-2020**

# ANÁLISE DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM

RIO DE JANEIRO (RJ)

# Monitoramento dos indicadores na Plataforma dos Centros Urbanos 2017-2020

O período entre 2016 e 2019 na cidade do **Rio de Janeiro** apontou a possibilidade de avançar, mas também a urgência de seguir priorizando as crianças e os adolescentes mais vulneráveis para que tenham garantidos seus direitos. Houve conquistas na prevenção da gravidez na adolescência, no enfrentamento à exclusão escolar e em alguns aspectos da primeira infância — como é o caso do enfrentamento

à sífilis congênita. Mas persistentes disparidades dentro da cidade impediram resultados mais amplos. A mortalidade neonatal piorou em algumas regiões, incluindo Madureira, Penha e Ilha do Governador, na zona norte, e Guaratiba, na zona oeste. E a desigualdade intramunicipal não caiu no que diz respeito à gravidez na adolescência, apesar da diminuição do número de meninas grávidas na cidade como um todo.

## Conheça os indicadores - médias municipais

<b>PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA</b>	<b>2016</b>	<b>2019</b>
Taxa de mortalidade neonatal - por mil nascidos vivos <sup>(1)</sup>	8,22	7,99 <sup>a</sup>
Taxa de incidência de sífilis congênita - por mil nascidos vivos <sup>(2)</sup>	16,41	14,39 <sup>a</sup>
Proporção de crianças até 5 anos com indicação de peso elevado para a idade <sup>(3)</sup>	7%	7,49%
<b>ENFRENTAMENTO DA EXCLUSÃO ESCOLAR</b>	<b>2016</b>	<b>2019</b>
Taxa de abandono escolar do Ensino Fundamental da rede municipal <sup>(4)</sup>	2,76%	0,80%
Taxa de distorção idade-série do Ensino Fundamental da rede pública <sup>(4)</sup>	24,97%	19,70%
Taxa de cobertura da pré-escola (crianças de 4 e 5 anos) <sup>(5)</sup>	92,66%	97,36%
<b>PROMOÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS DE ADOLESCENTES</b>	<b>2016</b>	<b>2019</b>
Proporção de nascidos vivos de mães adolescentes - 10 a 19 anos <sup>(6)</sup>	14,90%	12,35%
Proporção de nascidos vivos de mães adolescentes - 10 a 14 anos <sup>(6)</sup>	0,68%	0,59%
Proporção de nascidos vivos de mães adolescentes - 15 a 19 anos <sup>(6)</sup>	14,22%	11,77%

a. Estimativa com base nos dados preliminares para 2019

Fonte: 1. MS/SVS/DASIS - SINASC e MS/SVS/CGIAE - SIM  
2. MS/SVS/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais e MS/SVS/DASIS - SINASC  
3. MS/SAS/DAB/Núcleo de Tecnologia da Informação - NTI  
4. Censo Escolar - INEP  
5. Censo Escolar - INEP e MS/SGEP/Datasus  
6. MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC

# O MAPA DA EXCLUSÃO ESCOLAR NO RIO DE JANEIRO



A taxa de abandono escolar<sup>1</sup> no ensino fundamental da rede municipal na cidade do **Rio de Janeiro** era de **2,08%** em 2016. Em 2019, a taxa tinha recuado para **0,8%**, uma queda expressiva, que a deixou bem abaixo do valor de referência, **1,94%**, calculado pela **Plataforma dos Centros Urbanos**. Estimamos que em torno de **6 mil estudantes** que continuaram na escola em 2019 a teriam abandonado se a taxa de 2016 tivesse se mantido.

### Abandono escolar – 2016-2019 Rio de Janeiro

Porcentagem de alunos do ensino fundamental da rede pública



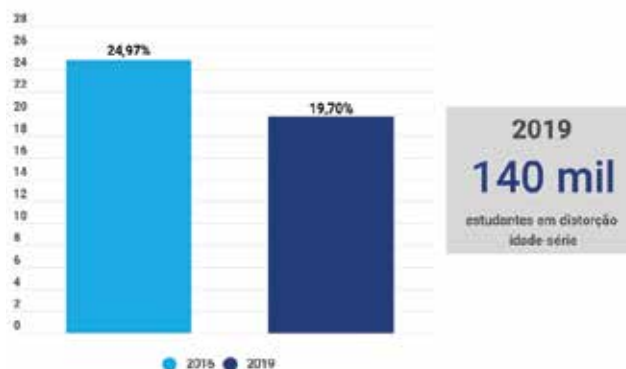
✓ Valor da taxa deve estar menor que o valor de referência

Fonte: Censo Escolar - INEP

Em 2016, **24,97%** dos estudantes do ensino fundamental na rede municipal do **Rio de Janeiro** estavam em situação de distorção idade-série<sup>3</sup> — ou seja, tinham dois anos ou mais de atraso escolar. Em 2019, esse percentual tinha caído para **19,70%**. Quase **40 mil** estudantes a menos estavam com defasagem de idade em relação à série em 2019 do que estariam se as taxas de 2016 tivessem se mantido. É importante ressaltar, entretanto, que mais de **140 mil** estudantes estavam em situação de distorção idade-série em 2019.

### Distorção idade-série – 2016-2019 Rio de Janeiro

Porcentagem de alunos do ensino fundamental da rede pública

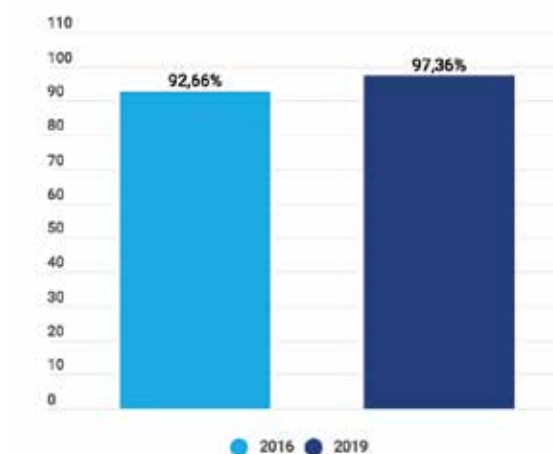


Fonte: Censo Escolar - INEP

A cobertura da pré-escola para crianças de 4 e 5 anos<sup>4</sup> no município do **Rio de Janeiro** subiu entre 2016 e 2019: de **92,66%** para **97,36%**, aproximando-se da universalização.

### Educação infantil – 2016-2019 Rio de Janeiro

Taxa de cobertura da pré-escola para crianças de 4 e 5 anos



Fonte: Censo Escolar - INEP e MS/SGEP/Datasus

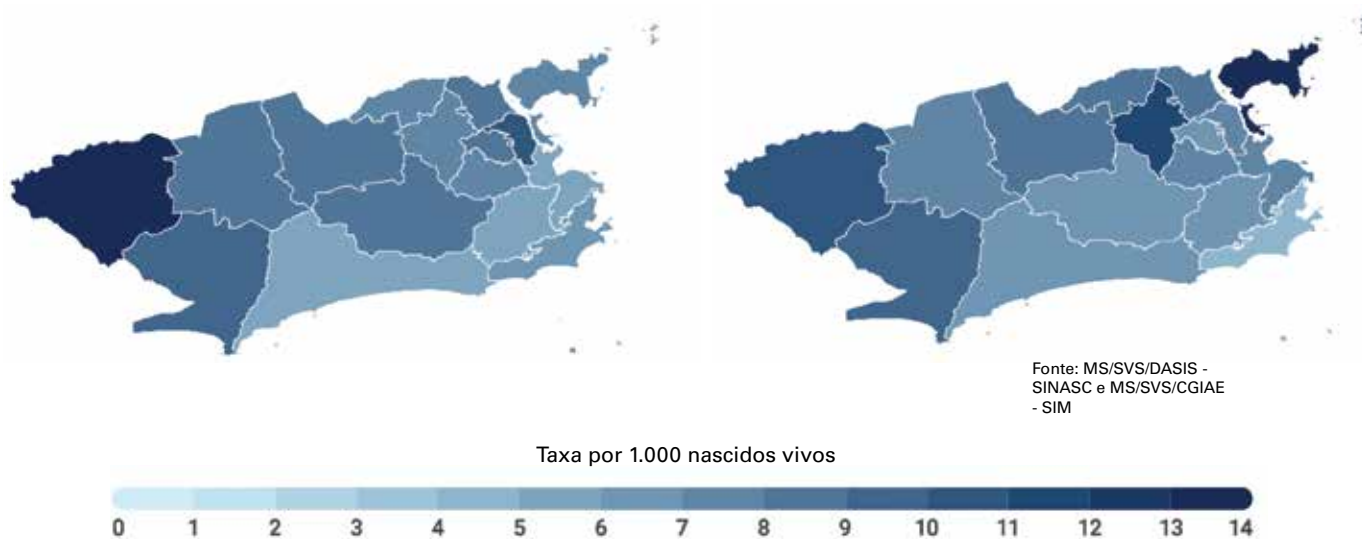
1) Abandono escolar – A taxa de abandono escolar é a proporção de estudantes matriculados que deixaram de frequentar a escola durante o período letivo. Pode haver mais crianças que já estavam anteriormente fora da escola, aumentando os números da exclusão escolar. 2) Valor de referência (VR) é definido pelos dados coletados na linha de base, correspondendo à média aritmética das taxas das unidades territoriais acima da mediana, acrescido de um cálculo que tem como horizonte 2030, ano de referência para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da ONU. 3) Distorção idade-série - É o nome dado à condição de estudantes que estão dois anos ou mais aquém da série que deveriam cursar em relação à idade que têm. 4) Pré-escola universal - Desde 2009, a frequência escolar tornou-se obrigatória para crianças de 4 e 5 anos. O Plano Nacional de Educação prevê que, até 2024, 100% das crianças de 4 e 5 anos devem estar matriculadas. A média nacional hoje é de 93,8%.

# O MAPA DA PRIMEIRA INFÂNCIA NO RIO DE JANEIRO

Conheça os indicadores para a promoção dos direitos da primeira infância entre 2016 e 2019

Mortalidade neonatal - 2016

Mortalidade neonatal - 2019



A maioria das regiões do **Rio de Janeiro** que tinham as mais altas taxas de mortalidade neonatal em 2016 registrou redução nesses números em 2019. De oito delas, seis tiveram melhora: Santa Cruz, na zona oeste (RP 5.3), Ramos, na zona norte (RP 3.1), Bangu (RP 5.1), Jacarepaguá (RP 4.1), Campo Grande (RP 5.2) — todas na zona oeste da cidade — e Inhaúma, na zona norte (RP 3.4). Nessas regiões, a redução significou **27 bebês** a menos morrendo em comparação com a taxa de 2016. Mas houve também piora em duas regiões desse grupo: Guaratiba, na zona oeste (RP 5.4), e Penha, na zona norte (RP 3.5).

Além disso, outras duas áreas da cidade que, em 2016, não estavam entre as que detinham as taxas mais altas — Ilha do Governador (RP 3.7) e Madureira (RP 3.3) — passaram a ter as taxas mais altas da cidade em 2019. Na Ilha

do Governador, o aumento foi de **7,40 mortes** por 1.000 nascidos vivos para **13,10**. E, em Madureira, de **7,04** para **11,40 mortes** por 1.000.

Nesse mesmo período, de 2016 a 2019, a incidência de sífilis congênita na cidade do **Rio de Janeiro** caiu **12%**, enquanto o percentual de crianças de menos de 5 anos com sobrepeso infantil aumentou **7%**.

A mortalidade neonatal<sup>1</sup> no **Rio de Janeiro** caiu **3%** no período entre 2016 e 2019. Passou de **8,22** para **7,99 mortes** por 1.000 bebês nascidos vivos. Essa redução não foi suficiente para que a cidade alcançasse o valor de referência de **7,69 mortes** por 1.000 bebês nascidos vivos, calculado pela **Plataforma de Centros Urbanos**. A taxa em 2019 melhorou em comparação a 2016, porém vem aumentando anualmente desde 2017, quando a taxa carioca tinha chegado a **7,48 mortes** por mil.

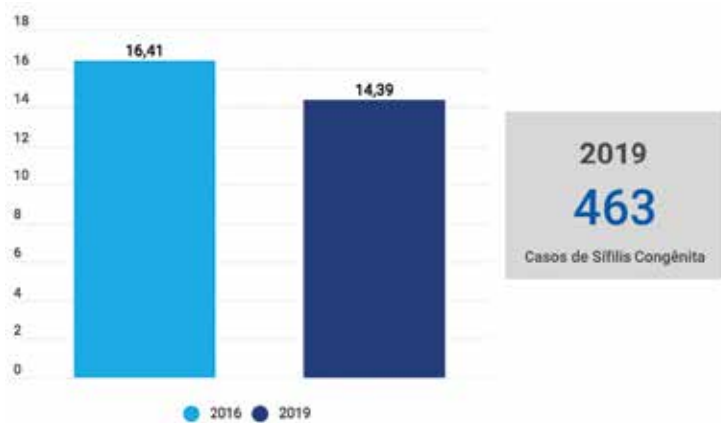
### Mortalidade neonatal – 2016-2019 Rio de Janeiro Taxa por 1.000 nascidos vivos



Fonte: MS/SVS/DASIS - SINASC e MS/SVS/CGIAE - SIM

O enfrentamento à sífilis congênita<sup>2</sup> teve resultado no **Rio de Janeiro**. A queda na incidência da doença foi de **12%** entre 2016 e 2019. Passou de **16,41** casos de bebês de até 1 ano em cada 1.000 nascidos vivos para **14,39** no período.

### Sífilis congênita – 2016-2019 Rio de Janeiro Taxa por 1.000 nascidos vivos



Fonte: MS/SVS/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais e MS/SVS/DASIS - SINASC

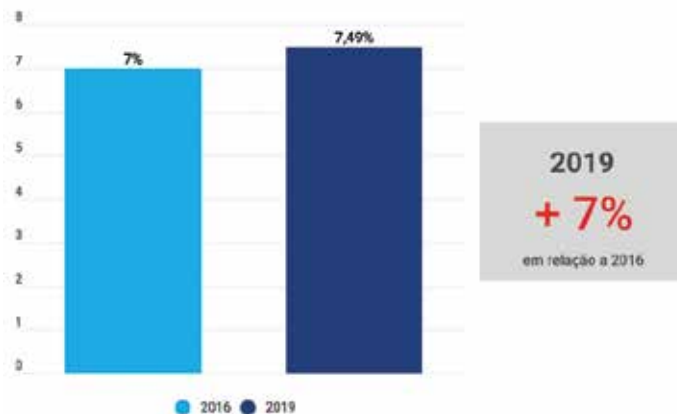
A proporção de crianças de menos de 5 anos acompanhadas com indicação de peso elevado para a idade<sup>3</sup> cresceu **7%** no **Rio de Janeiro** durante o período analisado. Passou de **7%** para **7,49%** entre 2016 e 2019.



©UNICEF/BRZ/Fabio Caffè

### Sobrepeso infantil – 2016-2019 Rio de Janeiro

Proporção de crianças menores de 5 anos com indicação de peso elevado para a idade



Fonte: MS/SAS/DAS/Núcleos de Tecnologia da Informação - NTI

1) Mortalidade neonatal é o número de óbitos de bebês de 0 a 27 dias de vida completos, por 1.000 nascidos vivos, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado. 2) Sífilis congênita é a infecção do feto pela bactéria Treponema pallidum, transmitida da mãe para o bebê pela placenta, em qualquer momento da gestação. Se não for tratada, poderá causar uma série de problemas desde aborto até má formação no bebê. 3) Sobrepeso infantil – O indicador é a proporção de crianças até 5 anos acompanhadas com peso elevado para a idade. O excesso de peso na infância afeta diretamente o crescimento e o desenvolvimento da criança, aumentando o risco de hipertensão e de doenças cardiovasculares, diabetes, dificuldades respiratórias, além de outras consequências ao longo da vida.

# O MAPA DOS DIREITOS SEXUAIS E DOS DIREITOS REPRODUTIVOS DE ADOLESCENTES NO RIO DE JANEIRO

Confira os indicadores da promoção dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos de adolescentes entre 2016 e 2019

Nascidos de mãe de 10 a 19 anos - 2016

Nascidos de mãe de 10 a 19 anos - 2019



Fonte: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC

A taxa de gravidez na adolescência caiu na cidade do **Rio de Janeiro** entre 2016 e 2019. A queda se deu inclusive nas oito regiões de planejamento da cidade que tinham taxas acima da mediana em 2016: Pavuna, Ramos, Santa Cruz, Guaratiba, Bangu, Centro, Penha e Inhaúma.

A desigualdade entre as regiões, porém, não diminuiu, porque a melhora nas demais localidades — que não estavam entre as mais vulneráveis — foi proporcionalmente maior.

Entre 2016 e 2019, houve redução no percentual de bebês nascidos de mães adolescentes tanto de meninas de 10 a 14 anos quanto no grupo de adolescentes de 15 a 19 anos. A redução no percentual de bebês nascidos de mães adolescentes de

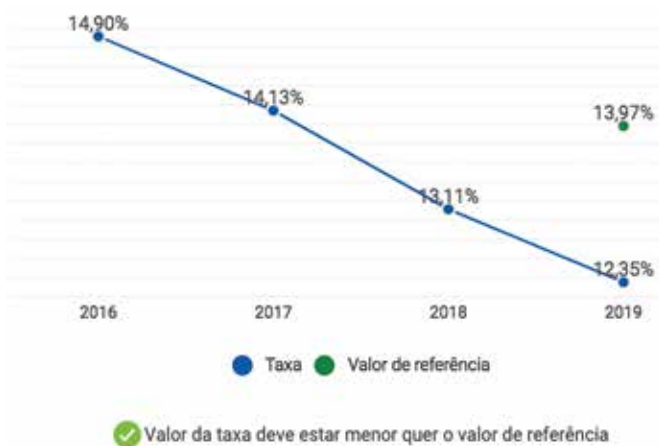
10 a 14 anos foi de **13%**. A proporção de bebês com mães de 15 a 19 anos caiu **17%** no período.

Em 2016, **14,9%** dos bebês nasceram de mães de 10 a 19 anos de idade no **Rio de Janeiro**. Em 2019, essa taxa caiu para **12,35%** — uma redução de **17%**. A taxa de 2019 estava abaixo do valor de referência<sup>1</sup>, de **13,97%**, calculado pela **Plataforma de Centros Urbanos**. A queda nesse período significa que quase **2 mil** meninas cariocas a menos tiveram filhos no ano de 2019 do que teria ocorrido se a taxa de 2016 tivesse se mantido. Desta forma, a gravidez na adolescência<sup>2</sup> não só diminuiu no **Rio de Janeiro**, como se promoveu avanços para a diminuição das desigualdades territoriais, mirando o ano de 2030.

1) Valor de referência (VR) é definido pelos dados coletados na linha de base, correspondendo à média aritmética das taxas das unidades territoriais acima da mediana, acrescido de um cálculo que tem como horizonte 2030, ano de referência para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da ONU. 2) Gravidez na adolescência - O indicador usado é a proporção de nascidos vivos de mães de 10 a 19 anos, que mostra a porcentagem de bebês que nasceram com mães nessa faixa etária. É importante observar que a gravidez na adolescência é um desafio complexo e que nas meninas de 10 a 14 anos há sempre presunção de violência, merecendo uma atenção específica das políticas públicas.



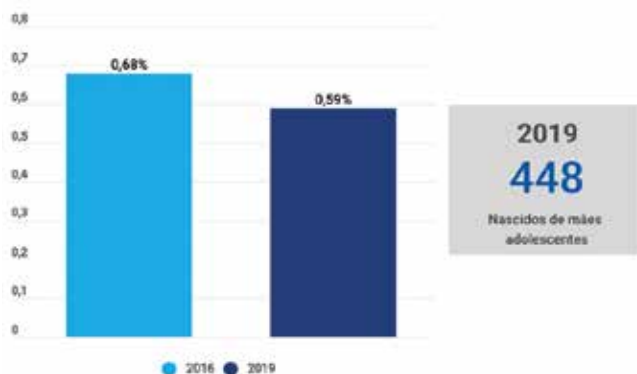
**Gravidez na adolescência – 2016-2019**  
**Rio de Janeiro**  
 Percentual de nascidos vivos de mães de 10 a 19 anos



Fonte: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC

No **Rio de Janeiro**, o percentual de mães com idade de 10 a 14 anos caiu de **0,68%** do total de nascimentos em 2016 para **0,59%** em 2019 — uma redução de **13%** no período.

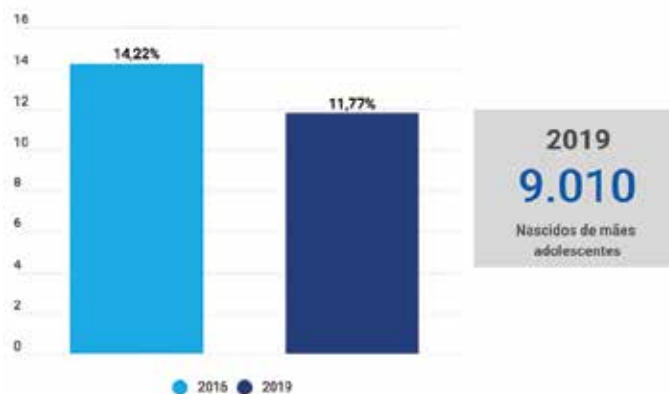
**Gravidez de 10 a 14 anos – 2016-2019**  
**Rio de Janeiro**  
 Percentual de nascidos vivos de mães de 10 a 14 anos



Fonte: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC

O grupo de mães com idade de 15 a 19 anos caiu de **14,22%** do total de nascimentos em 2016 para **11,77%** em 2019 — uma redução de **17%** no período.

**Gravidez de 15 a 19 anos – 2016-2019**  
**Rio de Janeiro**  
 Percentual de nascidos vivos de mães de 15 a 19 anos



Fonte: MS/SVS/DASIS - Sistema de informações sobre Nascidos Vivos - SINASC





©UNICEF/BRZ/Gabriel Oliveira

## “LEVO COMIGO O QUE APRENDI EM CASA E NA FAVELA”

Lays dos Santos, 19 anos, viajou para Johannesburgo para participar do lançamento do Manifesto Jovem #EndViolence. Pisou pela primeira vez em solo africano. Na verdade, foi a primeira vez que saiu do Brasil. “É a realização de um sonho”

**N**ascida no Rio de Janeiro, Lays dos Santos cresceu na favela do Palmeirinha, onde vive até hoje com sua mãe, seu pai e três irmãos. Mora na mesma casa da sua infância, da qual as brincadeiras são a lembrança mais forte. “Vivíamos brincando na rua. No fim de semana, a escola ficava fechada e como não havia nenhum parquinho ou campinho por perto, pulávamos o muro da escola para jogar bola na quadra”. Para Lays e seus irmãos, o maior castigo era ficar em casa sem poder brincar na rua. “O portão de nossa casa tinha um buraco de bala, algum tiro perdido, e ficávamos olhando pelo buraco os amiguinhos brincando”, lembra sorrindo.

A parte difícil de ser criança foi superar o desrespeito que, desde cedo, sentiu de outras pessoas, principalmente na escola. Como menina negra, com “cabelo mais cheio, mais gordinha”, Lays logo percebeu comentários e olhares preconceituosos. “Nessa hora, minha mãe me ajudou a entender que não havia nada de errado comigo. Ela sempre disse que eu era responsável por minha vida”.

Auxiliar de serviços gerais, a mãe, nascida no Rio, se casou jovem com o pai, vindo da Paraíba. “Quando era criança, tí-

nhamos muito pouco. Mas, com trabalho suado, conseguimos comprar nossa casa própria dentro da favela”, conta Lays. Ela lembra de seu pai trabalhando como motorista de ônibus todos os dias, incluindo os finais de semana. “Mas, nas folgas, ele estava presente. Nesses poucos momentos, ele era tudo”.

Com a força transmitida por sua mãe e seu pai, Lays continuou firme na escola. Em especial, seus olhos brilhavam pela biblioteca. Além dos livros, encontrou professores marcantes, que apresentaram novos mundos. Foi uma professora que levou Lays pela primeira vez ao cinema, aos 10 anos. Depois foram ao museu e outros lugares no centro da cidade. “Ela levava a gente para fora da comunidade”.

Mas, ao mesmo tempo em que abria novas janelas, a escola foi se transformando em um espaço de insegurança. Desde pequena, Lays estudou em diferentes escolas públicas na região. “Minha mãe nunca deixou eu ir sozinha para a aula, pois havia uso de drogas e até mesmo casos de violência sexual nos arredores da escola”. Na verdade, ao chegar na escola, logo de manhã, era vez de Lays ficar preocupada de sua mãe voltar sozinha para casa.

Durante a adolescência, o contexto da violência foi se revelando mais claramente. Ora a escola fechava, ora era um vizinho chorando pela perda violenta de alguém querido. As lembranças são recentes. A escola de ensino médio onde estudou até 2017 muitas vezes ficou no meio do fogo cruzado entre duas facções do tráfico. Uma vez, invadiram a escola para se esconder e guardar armamentos. **“Começou o tiroteio e todos os alunos correram para os banheiros, o local mais protegido. Mas já havia tanta gente que tivemos que correr para o pátio”, lembra Lays.**

Nessa época, Lays se deparou com a história de outros jovens que marcaram fortemente suas escolhas. O sonho de seu pai era que ela fosse oficial da Marinha. Começou então o curso onde conheceu um jovem, cujo o pai era traficante de drogas e estava conquistando uma história diferente. **“Ele dizia que a maior rebeldia contra o sistema era o conhecimento e que sua libertação eram os livros”.** Um dia, Lays recebeu a notícia que seu amigo havia sido raptado e morto pela facção inimiga do pai. **“Decidi continuar por ele e fui descobrindo que outros também estavam morrendo”.**

Ao assistir uma intervenção teatral dentro da favela sobre preconceito, nasceu a ideia, com seu irmão Rian, de mobilizarem outros jovens e adolescentes para falarem sobre sua realidade. Assim, surgiu o projeto **“Eu Vivo Favela”.** A proposta era criar um espaço de diálogo e mobilização, que reuniu cerca de 25 adolescentes ao longo de 2017. Ao precisar trabalhar e começar a estudar à noite, muitos integrantes do grupo começaram a se dispersar.

A própria Lays tomou novos rumos. Em meados de 2017, se inscreveu no projeto RAP da Saúde, da Prefeitura Municipal do **Rio de Janeiro**, tornando-se parte dessa rede de jovens promotores de saúde nas comunidades. **“Com o RAP, vi uma luz no fim do túnel: outros jovens estavam se organizando e queriam mudanças como eu”.**

Como integrante do RAP, Lays chegou também às atividades da **Plataforma dos Centros Urbanos** – iniciativa do **UNICEF** para promover os direitos de cada criança e cada adolescente em 10 capitais brasileiras, incluindo o **Rio de Janeiro**. Em novembro de 2017, participou de uma roda de con-

versa sobre prevenção da violência contra adolescentes durante a celebração do Dia Mundial da Criança, dentro do Ministério Público do **Rio de Janeiro**. Ali, mais uma porta se abriu: Lays foi convidada a ser parte da equipe da **Assessoria de Direitos Humanos e Minorias do MP**.

Ao mesmo tempo, a jovem iniciou a faculdade de Serviço Social. **“Apesar do sonho de meu pai de eu ser marinheira, ganhou a minha mãe, que sempre me ensinou muito sobre ajudar as pessoas”**, brinca ela. Lays conta que, dentro da favela, **“logo aprendeu que, para a vida funcionar, a gente tem que se ajudar: dar roupa, dar comida, cuidar do filho do outro”.** O seu sonho é criar uma organização que possa apoiar mulheres com seus filhos em situação vulnerável. **“As mães sentem que vão perder os seus filhos e, se nessa hora, elas tiverem apoio, elas podem mudar a história”,** explica.

Junto com o trabalho e o estudo, Lays ainda arruma tempo para participar da discussão sobre o impacto da violência na vida dos adolescentes, especialmente nas favelas. A jovem esteve presente em muitas das ações realizadas pelo **UNICEF no Rio de Janeiro**. Entre elas, as conversas com candidatos ao governo durante a campanha **Mais Que Promessas**, e a uma roda de conversas ligadas à iniciativa global **#EndViolence**, voltada ao fim da violência contra crianças e adolescentes. Nesses diálogos, Lays percebeu cada vez mais que o desafio da violência não é só dos adolescentes do **Rio**, muito menos do **Brasil**.

Por isso, ela está tão orgulhosa de sua primeira viagem internacional. Foi convidada pelo **UNICEF** a participar da produção de um manifesto sobre o fim da violência e o direito de ir à escola durante **Conferência Africana da Juventude em Johannesburgo, na África do Sul**. O manifesto será lido durante o Festival Mandela 2018, no dia 2 de dezembro. **“Quando contei para meu avô, pai de meu pai, que mora no interior da Paraíba, ele chorou pelo telefone. Estão todos orgulhosos”.** Mas Lays logo lembra do que a sua mãe sempre repetia quando ela começou a conquistar outros espaços: **“Você tem que ir, mas leva com você o que aprendeu em casa e na favela”.** Vai, Lays, vai!

